

Blumenau *em Cadernos*



F O M O X I —



MARÇO DE 1970



— N.º 3

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS
SEGUINTE COOPERADORES:**

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Blumenau

em Ladernos

T O M O XI — ★ MARÇO DE 1970 ★ — N.º. 3

BLUMENAU

E A SUA IMPRENSA

XXVI

“BRAZIL”

Os representantes blumenauenses da política chefiada, no Estado, pelo governador Hercílio Luz, haviam movimentado as suas forças no sentido de acabar com a publicação do “O Nacional”. Este jornal, como já vimos, pelo seu extremado nativismo, pelos constantes ataques a personalidades de destaque na vida municipal, pela simples circunstância de serem alemães, ou descendentes destes, havia provocado naturais e fortes reacções de parte da população. Blumenau era, então, o maior eleitorado do Estado, uma força política respeitável que a situação procurava cortejar.

Forçado por pressões de tóda sorte, o “O Nacional” teve que ceder. Foi, entretanto, um desaparecimento apenas para salvar as aparências. Pouco mais de um mês depois, surgiu, em seu lugar, o “Brazil”, impresso nas mesmas oficinas e praticamente com a mesma direcção. A orientação, sim, é que apareceu mudada.

Também hebdomadário, o “Brazil” apareceu a 7 de junho de 1919. Redacção e oficinas ficavam à rua Goiás, hoje Amadeu da Luz. Assinaturas: Interior, 6\$000; exterior, 7\$000. Diretor proprietário Alfredo da Luz. Diretor-redator, Edgar Barreto. Tóda a correspondência deveria ser dirigida ao Diretor-gerente Ildefonso Teixeira. Formato 28 x 37 cm., com 4 páginas.

O artigo de apresentação, na primeira coluna da primeira página,

vem assinado pelo diretor-proprietário. Este, em aviso, comunica que "Aos assinantes do "O Nacional", que pagaram as suas assinaturas, será distribuído o "Brazil" até completá-las".

Em vários números, Edgar Barreto publica eruditos artigos sobre filologia e lingüística, criticando compêndios de gramática portuguesa, apontando nêles erros e impropriedades. Barreto já se revelava, então, o grande filólogo que se firmou, no Estado, como um dos catarinenses de maior conhecimento da gramática portuguesa.

Já com os números 4 e seguintes, "Brazil" começa a atacar o Superintendente Paulo Zimmermann e o Coronel Pedro Cristiano Feddersen, que contrariavam a pretensão de Alfredo Luz e Ernesto Mendel que pleiteavam a concessão do Serviço de Águas e Esgotos e a construção de bondes elétricos na cidade. Esse assunto apaixonou a população por várias semanas, tendo nêle se envolvido os dois outros jornais locais, o "Urwaldsbote" e o "Blumenauer-Zeitung".

Tendo, em agosto, seguido para o distrito de Encruzilhada, para trabalhar como auxiliar da Comissão de Engenheiros chefiada pelo Dr. Oscar Sá, o sr. Ildelfonso Teixeira deixou, em fins de julho, de 1919 a gerência do jornal. Igualmente, a 31 de agosto, Edgar Barreto seguiu para São Paulo, onde foi concluir o seu curso jurídico, pois era quartanista da Faculdade de Direito daquela capital, sendo substituído por Francisco Margarida na redação do "Brazil".

Até aí, o jornal se mantivera numa atitude elevada, observando de um ponto de vista superior e equânime, o problema étnico de Blumenau. Daí por diante, entretanto, a orientação do jornal tornou-se mais nativista, não perdendo oportunidade de criticar os alemães aqui residentes, os seus usos e costumes.

Em fevereiro de 1920, assume as funções de diretor-secretário o Dr. Luiz de Freitas Melro, continuando Alfredo da Luz como diretor proprietário e Francisco Margarida como diretor-redator.

O advogado provisionado, Antônio Gomes Winter, que havia pouco se estabelecera em Blumenau, passa, por essa época a colaborar ativamente no jornal, assinando artigos patrióticos e biografias dos principais vultos da nossa história.

Com o número 45, de 9 de maio de 1920, Francisco Margarida deixa de figurar no cabeçalho do jornal, como seu diretor-redator. Continuam Alfredo da Luz e Freitas Melro, como diretor-proprietário e diretor-secretário, respectivamente.

Na questão da greve, ocorrida a 20 de junho de 1920, na Empresa Industrial Garcia, encabeçada pelos anarquistas Fritz Koch e Georg Sterneck, depois expulsos do território nacional, "Brazil" atira-se, desassombradamente, à luta contra o "Blumenauer-Zeitung" e o Coletor Federal Luiz Weneck Teixeira de Castro, que procuravam justificar o movimento. A polêmica foi violenta, baixando a têrmos pouco condizentes com a ética jornalística, a ataques e ofensas pessoais, de parte a parte.

Com o n.º 89, de 12 de abril de 1921, deixa o cargo de diretor-secretário o Dr. Freitas Melro. Passa o jornal a ser dirigido por Gomes Winter que figura no cabeçalho como gerente. Alfredo da Luz continua como proprietário.

Parece que a luta travada com o "Blumenauer-Zeitung" e a orientação acentuadamente nativista desgastaram o entusiasmo com que o "Brasil" vinha lutando. A parte editorial passa a tratar de assuntos de somenos interesse local para cuidar mais de assuntos gerais, perdendo muito da agressividade e da vivacidade primitivas.

Com o n.º 131 do Ano III, de 26 de fevereiro de 1922, o "Brasil" cessou a sua publicação.

Esse jornal foi, incontestavelmente, resultado de um esforço patriótico em prol do progresso da comunidade. Militando num meio que dispunha de regular cultura, com dois periódicos muito acreditados e de grande tiragem, redigidos no idioma alemão, que era o da maioria da população blumenauense, não foi sem sérias e quase que intransponíveis dificuldades que êle conseguiu abrir caminho que lhe possibilitasse a publicação pelo pouco mais de dois anos que tantos foram a sua existência. Teve os seus dias áureos e os seus dias sombrios. Mas não resta dúvidas de que se mostrou sempre um paladino que foi vencido mais pelo desinteresse dos seus editores e redatores do que pela alegada agressividade do meio.

Tendo adoecido gravemente o seu proprietário, Dr. Alfredo da Luz, pouco depois internado numa Casa de Saúde, no Rio de Janeiro, onde veio a falecer, os que se propuzeram a continuar-lhe a obra não contaram com os mesmos recursos financeiros, nem com os mesmos motivos políticos que lhe presidiram à criação e, deixando-o entregue à redação de um elemento estranho, quase, à sociedade à cuja causa deveria servir, o "Brasil" estava mesmo fadado a uma vida limitada. Mas, não se pode deixar de reconhecer que essa fôlha foi um representante da imprensa brasileira em Blumenau e, como tal, soube manter, de um modo geral, a linha e a compostura recomendáveis. Abstraindo alguns excessos de linguagem, devidos ao calor com que defendeu os seus pontos de vista, o "Brasil" manteve uma conduta serena, louvável. Detendeu sempre com calor a política de Hercílio Luz.

O Arquivo Histórico possui parte da coleção desse jornal. Também a Biblioteca Pública do Estado possui a coleção quase completa.

XXVII

"KIRIRI"

Com êste título apareceu, no sábado de Carnaval (14 de fevereiro) de 1920, um jornalzinho de 4 páginas, redigido em português e alemão.

Formato 28 x 38 cm. Trazia, no cabeçalho, além do título entre vinhetas, as indicações de: "Diretor-chefe João Firamfolho" e "Redação de Scharfe Ecke n.º 7, Blumenau".

Como fôlha carnavalesca deixou muito a desejar. Pouca graça,

piadas e poesias mal feitas, como esta que transcrevemos como amostra :

“Olhando sempre pro chão
No meu passo vagaroso
Tropeço às vêzes em vão
Pensando no bem ditoso

Ó que graça, que delícia
Naquele olhar piedoso!
Que palidez tão sublime
No seu rosto tão sedoso.”

Não podia haver coisa de pior gôsto.

A maior parte do jornalzinho era feita em língua alemã, mas tanto nesta, como na parte portuguêsa, nada tem digno de registro. Foi impresso nas oficinas do “Brasil”.

Publicou-se (ainda bem!) um único número. O Arquivo Histórico possui um exemplar dessa edição.

XXVIII

“DIE SCHNAUZE”

Êste foi, sem dúvida, o mais interessante, o de vida mais longa e o mais temido jornal carnavalesco publicado em Blumenau. Redigido inteiramente em idioma alemão.

Seu principal redator foi o chete das oficinas do jornal “Der Urwaldsbote”, também jornalista e poeta, Feodor Axtelm que, além de trabalhos esparsos, deixou um livro de poesias em que retrata homens e coisas da vida blumenauense das primeiras décadas Jêste século.

“Die Schnauze” apareceu, em seu primeiro número, a 28 de fevereiro de 1920, comemorando o primeiro aniversário de fundação da Sociedade Musical “Lyra” (“Musikverein Lyra”), com sede no Teatro Frohsinn.

“Schnauze”, em tradução literal, significa “focinho”, mas é também “bôca” em sentido depreciativo, vulgar. No caso, deveria ser traduzido por “O Bôca Grande”.

Sua publicação anual, era feita por ocasião dos festejos carnavalescos. Formato 23,5 x 32,5 cm., com 4 ou 6 páginas. Muito bem escrito e bem impresso, o seu aparecimento era sempre ansiosamente esperado. Suas críticas, feitas com muita graça, eram ferinas e, por isso mesmo temidas. Criticava, inclusive, com muito bom humor, a própria administração municipal e as autoridades constituídas, como por exemplo, neste tópicó :

“Estatística. No Município de Blumenau são fabricados, anualmente, 1.485.923 tijolos. Sôbre a cabeça de cada um dos seus habitantes caem, exatamente, 23 e meio tijolos por ano”.

Os pequenos e grandes industriais não escapavam às verrumadas do jornalzinho :

“Pronunciamentos de homens célebres : “Se eu soubesse, disse o imperador romano Nero, ao seu chofer, que os automóveis ainda não tinham sido inventados, eu não teria te contratado”. “Se eu soubesse, disse Colombo ao seu rei, que se podia chegar, comodamente, à América em seis dias de viagem de vapor, eu não teria passado tanto trabalho num barco a vela..” “Se eu soubesse, disse um fabricante de cerveja aos seus amigos em redor de uma cervejada, que aqui em Blumenau se bebia uma porcaria como esta, eu teria vindo para cá já há dez anos atrás..”

Charadas, trocadilhos, enigmas em prosa e verso, sempre mexendo com alguém, ou comentando algum acontecimento social de maior importância, eram feitos com certa dose de maldade, mas sempre sem descer a ataques diretos ou pessoais. Caricaturas ilustravam quase tôdas as páginas das diversas edições, algumas sarcásticas, outras irônicas, davam ao jornal um aspecto material agradável, tanto quanto a sua parte literária.

Por mais de uma vez, entretanto, pessoas atingidas por alguma crítica, sentiram-se ofendidas e houve até intervenções policiais e processos judiciais em consequência de matéria publicada em “Die Schnauze”.

Foi um jornalzinho que marcou época e que realmente soube ser um órgão carnavalesco em alto estilo, que conquistou fama, sendo ansiosamente aguardado e lido

Impresso nas oficinas do “Der Urwaldsbote”, foi publicado, ininterruptamente, em todos os carnavais de 17 anos seguidos. Desapareceu com o número 17, de fevereiro de 1936.

O Arquivo histórico possui tôda a coleção dêsse interessante órgão carnavalesco.

X X I X “O ESCUDO”

Deve-se a fundação dêsse jornal ao sr. José Ferreira da Silva, autor, também, destas notas sobre a Imprensa em Blumenau Em 1920, êsse jornalista, depois de ter dirigido, por alguns meses, a escola estadual de Arapongas, em Indaial, foi nomeado escrivão de Paz e Tabelaão do 7º. distrito do Município de Blumenau, com sede na então vila de Rodeio. Ali, no convento dos Padres Franciscanos, existia ainda uma impressora e grande quantidade de material tipográfico que servira, por muitos anos, à publicação do semanário “L’Amico”, de que já tratamos.

Entrando em entendimentos com o Superior do Convento, Padre Policarpo Schuhen, fundador das Imãs Catequistas, aquêle jornalista conseguiu adquirir, para uma Sociedade que fundara com elementos locais, o referido material e iniciar a publicação de um jornal, intitulado “O Escudo” e cujo primeiro número apareceu em 1921. O cabeçalho, com o título, foi feito na calderaria de Hindelmeyer, em Blumenau, de letras recortadas

em metal amarelo. Era de formato de 30 x 46 cm., com quatro páginas, a primeira delas redigida em português e as duas interiores em italiano. A última era, em geral, destinada à matéria paga: anúncios, editais, etc. O jornal era especialmente destinado às colônias blumenauenses habitadas por elementos de origem italiana e tirolêza, como Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros, etc.

Do cabeçalho constavam, além do título, as seguintes indicações: "Propriedade da Sociedade Rodeiense de Imprensa. Presidente, Silvio Scoz. Tesoureiro, Marcelo Moser. Redator-Secretário, José Ferreira da Silva. Periódico semanal. Assinaturas: Ano 6\$900. Semestre 4\$000".

A princípio foi redator da parte italiana o sr. Giuseppe Zanluca que já militara, por muitos anos, na imprensa como um dos redatores do jornal "L'Amico", antecessor do "O Escudo". Zanluca era dos primitivos imigrantes italianos, chegados a Blumenau em 1875. Homem de alguma cultura, foi, por muitos anos, mestre de primeiras letras. Com a fundação do "L'Amico", prestou grandes serviços a êsse semanário auxiliando Frei Lucínio Korte, seu criador, tanto na redação como na própria composição do jornal, pois conhecia também a arte tipográfica. Era homem muito recatado, pouco comunicativo. Algum tempo depois, entrou para a redação da parte italiana o sr. Mário Locatelli que, emigrado da Itália, viera residir em Rodeio, onde constituiu família, integrando-se completamente naquela comunidade a que prestou assinalados serviços.

Locatelli era de um espírito alegre, folgazão, inteligente e culto. Manteve, por muito tempo no jornal uma seção intitulada "Grata e Tass" ("Coça e Cala"), em dialeto trentino, da maioria dos moradores de Rodeio, e que despertava grande interesse e hilariedade tendo dado enorme notoriedade ao periódico. Eram crônicas em que se contavam piadas, anedotas, frases atribuídas a conhecidos moradores das redondezas e se comentavam, de forma alegre e picante, fatos acontecidos na colônia ou na residência de algum dos seus habitantes.

Em 1924, Ferreira da Silva foi transferido para Blumenau, deixando a direção de jornal confiada a Mário Locatelli, tanto na sua parte italiana como na portuguêsã.

"O Escudo" deixou de existir em 1928.

A Biblioteca Pública do Estado possui, apenas, os números 21, 29, 36, 38 e 39 a 41 do II Ano. A coleção, incompleta, dêsse semanário, que existia no Arquivo Municipal, foi destruída pelo incêndio de 1958.

X X X

"O GASPARENSE"

Em 21 de setembro de 1922, apareceu em Gaspar, então segundo distrito do Município de Blumenau, um semanário de propriedade de Albano Pereira da Costa e por êste redatoriado.

Era um jornal de pequeno formato, 23 x 32 cm., de 4 páginas, impresso em oficinas próprias, precariamente montadas.

Lutando com sérias dificuldades, num meio ainda acanhado, sem recursos suficientes e para uma população reduzida, a existência do "O Gasparensê" durante oito anos só foi possível graças ao idealismo e a fôrça de vontade do seu fundador.

Albano Pereira da Costa tinha, realmente, verdadeira paixão pelo jornalismo. Seus recursos financeiros eram poucos e, para manter o seu jornal, muitas vêzes teve que lançar mão de suas economias particulares, dos minguados rendimentos da pequena tipografia, sacrificando o próprio e o conforto da sua família.

Conhecemos Albano Costa e acompanhamos os últimos anos de vida do "O Gasparensê". Saía êste, então, com bastante irregularidade, deixando, em certos períodos, de aparecer por várias semanas seguidas, devido ora ao acúmulo de serviços de gabinete, ora à falta de papel ou de tinta. Por mais de uma vez, quando redatoriávamos "A Cidade", em Blumenau, tivemos oportunidade de ceder a Albano, por empréstimo, papel e tinta indispensáveis à impressão do seu jornal. E o fazíamos sempre prazerosamente porque admirávamos o seu heroísmo à frente do pequeno órgão de imprensa.

"O Gasparensê" desapareceu em 1930. Teve uma vida modesta, mas gloriosa. Parte da coleção dêsse jornal pode ser encontrada na Biblioteca Pública do Estado, em Florianópolis.

X X X I

"BEM-TE-VI"

Com êste título e dizendo-se "periódico semanal, jornal crítico e humorístico" apareceu em Blumenau um jornalzinho manuscrito e mimeografado. Seu primeiro número deve ter aparecido em maio de 1923. Era seu diretor A Largura e a assinatura mensal custava 800 réis. Formato 23 x 32 cm. Quatro páginas.

Não sabemos se êsse jornalzinho teve vida além do número 5, de que possuímos um exemplar em nosso Arquivo. Êsse número é datado de 4 de junho daquele ano.

Vai aqui uma amostra das brincadeiras do "Bem-te-vi" para que se tenha uma idéia do que foi aquêle jornal: "Bolo à la moda da Escola Complementar: Toma-se 50 gramas das litas da Hilda, 200 gramas da dentadura postiça da Helena e junta-se-lhe 100 gramas do namoro da Edeltraut. Amassa-se bem. Leva-se em seguida 20 gramas das lanchas do Pedro, duas colheres das de sopa das caricaturas do Krepski na União e 10 gramas da encrenca na Escola Complementar. Amassa-se tudo bem e o produto que daí resulta despeja-se no lixo".

Lá pelo comêço da segunda década do século, pode ser que isso fazia graça.

Pelo visto, o jornalzinho era obra dos alunos da Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolar "Luiz Delfino".

ARQUIVOS EM FOCO

Sebastião CRUZ

(Conclusão do número anterior)

RESOLUÇÃO N.º 41, de 1-6-1836 — s/ Pregoeiros - ver Lei 13.

RESOLUÇÃO N.º 42, de 1-6-1836 — Aprovou e divulgou as Posturas da Câmara Municipal de Destêrro (como curiosidades: - 1) regulava o dobre de sinos por falecimentos; 2) dava o número de bolos com que os Professôres podiam castigar seus alunos; 3) proibia a venda de "limões de cheiro", no entrude). - ver Resolução n.º. 76, de 2-5-1837.

LEI N.º. 43, de 1-6-1836 — Criou a Coletoria de Destêrro. Mandava que o Coletor percebesse 3,5% da arrecadação e o Escrivão 2,5%, depois de deduzidas as despesas da Coletoria. Aos Solicitadores dos Resíduos dos Têrmos cabia 4% da Taxa de Heranças e Legados, de cujo recolhimento seriam deduzidos 2% para o Coletor e Escrivão. - ver Resolução n.º. 63, de 8-4-1837.

LEI N.º. 44, de 3-6-1836 — A partir de 1.º de Julho de 1836 - cobrança dos Dízimos, por Exportação e outros tributos.

RESOLUÇÃO N.º. 45, de 4-6-1836 — Obrigou aos Juizes de Direito a percorrer os Têrmos de suas Comarcas, 2 vêzes ao ano (o de Lajes, 1 vez) Era a Correção que surgia na Organização Judiciária. - ver Resolução n.º. 60, de 8-4-1836.

LEI N.º. 46, de 9-6-1836 — Orçamento das Câmaras Municipais.

LEI N.º. 47, de 11-6-1836 — Orçamento da Província - 1.º de Julho de 1836 a 30 de Junho de 1837.

RESOLUÇÃO N.º. 48, de 15-6-1836 — Autorizou gratificação aos Professôres.

LEI N.º. 49, de 15-6-1836 — Autorizou colonização na Província, por particulares, emprêsas, companhias e individuais ou estrangeiros. Regulamenta.

LEI N.º. 50, de 15-6-1836 — Autorizou a mudança da Igreja Matriz de Laguna.

RESOLUÇÃO N.º. 51, de 17-6-1836 — Aprova as Posturas das Câmaras de São Francisco e Lajes.

LEI N.º. 52, de 25-6-1836 — Regula o funcionamento da Assembléia Legislativa da Província.

PRESIDÊNCIA DO BRIGADEIRO JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA

DECRETO N.º. 53, de 18-3-1837 — Eleva a Cóngrua do Vigário da Paróquia da Cidade do Destêrro, a contar de 1.º - 6-1837 (eleva para 300\$000 NCr\$ 0,30 - anuais e para o Coadjutor 100\$000 - NCr\$ 0,10 anuais). Ver Resolução n.º. 78,

DECRETO N.º 54, de 18-3-1837 — Cria uma Escola de las. letras, na Freguezia de Nossa Senhora da Piedade, no Têrmo da Villa de Laguna.

DECRETO N.º 55, de 18-3-1837 — Impôsto s/ animais em trânsito no Passo do Rio Canoas - regula também tendo em vista a percentual do Coletor (6%) e Escrivão (4%). Ver Decreto n.º 95, de 27-4-1838.

LEI N.º 56, de 21-3-1837 — Organização e atribuições da Provedoria da Província. A Provedoria era subordinada, diretamente, ao Presidente da Província (Repartição da Capital), com um Provedor, um Escrivão, 1 Escriurário, 1 Procurador Fiscal, 1 Tesoureiro e 1 Porteiro. Era Tesoureiro da Província, o que corresponde ao atual Diretor do Tesouro, o Coletor das Rendas Provinciais do Distrito da Cidade. A Coletoria e a Provedoria funcionavam no mesmo edifício. O Promotor Público da Capital passava a servir de Procurador Fiscal da Província. A Provedoria, administrava, arrecadava, distribuía, contabilizava e fiscalizava tôdas as Rendas Públicas da Província e Administrava os próprios Provinciais. Na matéria jurídica, opinava o Procurador Fiscal - segue longo regulamento. Ver Decrero n.º 99, de 30-4-1838 e Regulamento de 27-6-1837.

DECRETO N.º 57, de 21-3-1837 — Proibia acumulação de cargos, a Professor Público, a não ser Deputado ou Senador, Deputado Provincial e jurado.

RESOLUÇÃO N.º 58, de 21-3-1837 — Dava isenção de décima para prédios urbanos, cujos proprietários fôssem indigentes e nêle residissem; os que não fôssem habitados ou não dessem rendimentos. Classificava: indigente - ter menos de cem mil réis (NCr\$ 0,10) de renda líquida anual.

LEI N.º 59, de 21-3-1837 — s/ Regulamentos para as Câmaras Municipais (ver Regulamento de 27-6-1837).

RESOLUÇÃO N.º 60, de 8-4-1837 — Interpretava a Resolução n.º 45, de 4-6-1836 - Organização Judiciária - Correção.

LEI N.º 61, de 8-4-1837 — Aprovou Contas Câmaras Municipais.

RESOLUÇÃO N.º 62, de 8-4-1837 — Regulava o funcionamento de Escolas quanto a edificios públicos e quando alugados - (cidade 4.000 réis NCr\$ 0,004), Vila 3.000 réis (NCr\$ 0,003), Freguezia 2.000 réis (NCr\$ 0,002) por mês.

RESOLUÇÃO N.º 63, de 8-4-1837 — Dava 10% para os Solicitadores, das Taxas de Heranças e Legados, excluindo o Coletor e Escrivão da cidade art. 9.º da Lei n.º 43, de 1-6-1836 - Ver Decreto n.º 55.

LEI N.º 64, de 8-4-1837 — Fixava o efetivo da Fôrça Policial - ver Leis 12, 37 e 94 e Decreto 31.

RESOLUÇÃO N.º 65, de 12-4-1837 — Autorizava - e regulava a nomear Engenheiro para Obras Públicas.

RESOLUÇÃO N.º 66, de 12-4-1837 — Eleva os vencimentos de Porteiro.

RESOLUÇÃO N.º 67, de 13-4-1837 — Aos Escrivãos das Coletorias os mesmos emolumentos dos Oficiais da Provedoria, pelas Certidões que passarem ver Lei 56.

LEI N.º. 68, de 13-4-1837 — A respeito de nomeações e disposições sobre Promotor Público - ver Lei 56 e Resoluções 45 e 60.

LEI N.º. 69, de 25-4-1837 — Criou, na Capital, as Cadeiras de Filosofia Racional e Moral; de Retórica e Geografia; de Aritmética, Algebra, Geometria teórica e prática e Trigonometria retilínea. Regulamentou também.

RESOLUÇÃO N.º. 70, de 28-4-1837 — Isentou dos Serviços da Guarda Nacional, os moradores de Araranguá, cabeceiras do Rio Madre, Tijucas Grande, Itajaí e em qualquer lugar exposto a ataques dos gentios ou que possam servir de centro de apoio aos estabelecimentos de colônias. Também regulava.

LEI N.º. 71, de 28-4-1837 — Orçamento da Província.

LEI N.º. 72, de 29-4-1837 — Orçamento das Câmaras Municipais.

RESOLUÇÃO N.º. 73, de 2-5-1837 — Curadores Gerais - participação.

RESOLUÇÃO N.º. 74, de 2-5-1837 — Autorizava ao Presidente da Província a dividir os Têrmos em tantos Distritos quantos exigisse a comodidade dos habitantes.

RESOLUÇÃO N.º. 75, de 2-5-1837 — Autorizou a construir a Capela de Nossa Senhora do Parto, na Rua do Príncipe, em Destêrro.

RESOLUÇÃO N.º. 76, de 2-5-1837 — Aprovou as Posturas de Destêrro - ver Resolução n.º. 42/1836.

RESOLUÇÃO N.º. 77, de 2-5-1837 — Sobre direitos de Provisões (novos e velhos) dos Párcos e Empregados da Província e Municípios. Também Regulamenta. ver Res. 78.

RESOLUÇÃO N.º. 78, de 2-5-1837 — Determinou que o Sacerdote que tiver a seu cargo mais de uma Paróquia, receberá além de sua cônica, a gratificação anual de cem mil réis NCr\$ 0,10) - ver Decreto 53 e Res. 77.

DECRETO N.º. 79, de 2-5-1837 — s/ desapropriação de terras para Colônias.

REGULAMENTO s/n. de 27-6-1837 — s/ a Lei n.º. 56, de 21-3-1837 - Escrituração e Contabilidade da Provedoria da Fazenda Provincial.

REGULAMENTO s/n. de 27-6-1837 — s/ a Lei n.º. 59, de 21-3-1837 - das Câmaras Municipais - modelos.

PRESIDÊNCIA BRIGADEIRO JOÃO CARLOS PARDAL

DECRETO N.º. 80, de 15-3-1838 — Aprovou as contas das Câmaras Municipais.

DECRETO N.º. 81, de 21-3-1838 — Substituições nos impedimentos dos oficiais da Secretaria do Govêrno.

DECRETO N.º. 82, de 21-3-1838 — s/ Professôres, casas de escolas, etc.

DECRETO N.º 83, de 23-3-1838 — Autorizou a construir a Capela da SS Trindade, atrás do Morro, em Destêrro.

DECRETO N.º 84, de 2-4-1838 — Subsídios Deputados - ver Res. n.º 3.

DECRETO N.º 85, de 2-4-1838 — Dando a Capital como local das reuniões da Assembléa - Instalação das Sessões Ordinárias, em 1.º de Março de cada ano.

DECRETO N.º 86, de 4-4-1838 — Suprimentos para Pôrto Belo e São Francisco.

DECRETO N.º 87, de 4-4-1838 — Proibia exportações, pelo Comércio, de qualquer ponto da Província para o Município de Lajes, por um ano "se antes não fôr o dito Município evacuado pelas fôrças de insurgentes da Província do Rio Grande do Sul que ora o ocupa n.º". Dava penalidades aos infratores.

DECRETO N.º 88, de 6-4-1838 — mandando explorar a estrada São José - Lajes e outras providências a respeito.

DECRETO N.º 89, de 7-4-1838 — s/ a exploração do Rio Itajahy Mirim - quantos aos estragos em virtude do temporal de 10 e 11 de Março de 1838 - Estrada do Morro dos Cavallos.

LEI N.º 90, de 20-4-1838 — Criou a Freguezia de São João Baptista do Rio Tijucas (sic) Grandes (sic).

DECRETO N.º 91, de 27-4-1838 — prorrogou o prazo para mais 6 meses, para concluir a demarcação das terras concedidas para os estabelecimentos de colônias nas margens do Rio Tijucas Grande, contados desde que fôr creado naquele lugar o nôvo Distrito. Favores eram dados ao colono com filhos.

LEI N.º 92, de 7-4-1838 — Autorizou contratar a edificação do mercado em Destêrro, no terreno de Marinha, entre as ruas Livramento e do Ouvidor, e outros detalhes.

DECRETO N.º 93, de 27-4-1838 — Criou a Escola Feminina em São José.

LEI N.º 94, de 27-4-1838 — Fixa o efetivo da Fôrça Policial. ver Leis 12 e 37 e Decreto 31.

DECRETO N.º 95, de 27-4-1838 — 1.º) autorizou instalar Agência Fiscal no Marombas - Curitibanos; 2.º) alterou o número de guardas; 3.º) mandou construir pontes, em vez de canoas, para passagens na Estrada do Rio Canoas à Canoinhas.

DECRETO L.º 96, de 27-4-1838 — Aprovou Posturas de São Francisco e Laguna.

DECRETO N.º 97, de 30-4-1838 — Perdoou foros dos enfiteutas dos terrenos do Patrimônio do Hospital das Caldas do Cubatão. Ver Resolução n.º 16, de 30-4-1838.

LEI N.º 98, de 30-4-1838 — Estabeleceu normas para receber e guardar Expostos - (interessante).

DECRETO N.º 99, de 30-4-1838 — Determinou aos Solicitadores de Resíduos, pedir aos Auditores, nas Causas da Fazenda Pública Provincial, sob

a Direção do Procurador Fiscal. - ver Lei n.º. 56, de 21-3-1837 e Regulamento de 27-6-1837.

DECRETO N.º. 100, de 30-4-1838 — Permitiu aos Alemães da Cabeceira do Rio Biguaçu, Distrito e Freguezia de São Miguel, a construção de uma Capela Filial, invocando São Pedro Apóstolo, inclusive um Cemitério.

LEI N.º. 101, de 4-5-1838 — Orçamento Provincial.

LEI N.º. 102, de 4-5-1838 — Orçamento das Câmaras Municipais.

DECRETO N.º. 103, de 4-5-1838 — 1.º) autorizava aceitar empréstimos de vários cidadãos, afim de comprar farinha, em falta, até a próxima safra, para distribuir ao povo; 2.º) aprovava a Postura de Laguna, referente a negócios com farinha.

DECRETO N.º. 104, de 4-5-1838 — Proibiu aos Tabeliões e Escrivãos, passarem Escrituras de bens de raiz, sem as Negativas das Câmaras Municipais.

R E M I N I S C Ê N C I A S

H. P. Zimmermann

Sem dúvida alguma, uma das mais agradáveis recordações do tempo de minha juventude, é a das minhas freqüentes visitas aos engenhos de açúcar de meu avô paterno e aos de meus tios, casados com irmãs de minha mãe. Já descrevi, em artigos anteriores, a importância dos engenhos, para a economia de meu município natal. Exerciam êles, também, grande influência na sociedade rural, moldando-lhe o estilo de vida e os métodos de trabalho. Eram, nada mais nem menos, do que os estabilizadores da sociedade rural e a base financeira para uma larga camada da população do município, que criou lá um estilo próprio de vida que assumiu, no correr dos anos, aspectos de tradição. A tradição só desapareceu, quando, por motivos alheios à vontade dos donos de engenhos, êstes não mais

podiam continuar a trabalhar em bases econômicas, face à concorrência que lhes faziam as grandes usinas.

A semelhança dos moinhos de vento do Norte europeu, das velhas rodas d'água que moviam os mais diferentes dispositivos mecânicos, também os engenhos de açúcar estavam cercados de certo ar de romantismo, só não perceptível aquêles, que já não mais possuíam o dom de sonhar, o gôsto pela poesia das coisas que os cercavam.

O engenho de meu avô, quando não se trabalhava nêle era lugar ideal para os nossos folguedos e jogos infantis, nêle podia-se brincar de esconder, como em nenhum outro lugar. Virar a moenda de cana, era excelente exercício físico e era grande a

algazarra, quando algum companheiro não conseguia dar mais de umas dez voltas à moenda, aliás bastante pesada para guris de oito ou dez anos. Atrás do engenho, de uma bica, corria água cristalina e fria, captada na encosta de um morro próximo, que enchia grande tanque de madeira. Ali, o brinquedo ideal era armar pequenas rodas de água ou fazer flutuar, barquinhos de madeira ou de cuícas, na água do tanque. Tudo isto divertia-nos muito e quase sempre ficávamos com as roupas molhadas, o que constituía problemas de certa gravidade ao chegar de volta em casa. Grupos de dez ou mais meninos entregavam-se a estes brinquedos, e quer me parecer, que se divertiam mais e em construir suas rodas d'água e vê-las movimentar-se, do que se divertem os meninos de hoje com a infinidade de brinquedos que a indústria moderna lhes oferece, mesmo em se tratando de tanques de guerra, carros de todas espécies, armas ou ferrovias auto náticas.

Normalmente, à determinada hora da tarde, vovó nos chamava para tomar café. Era espantosa a velocidade com que desapareciam dos pratos, as fatias de broa de milho ou bijús de farinha de mandioca, tudo devorado pela gurizada com bom melado.

Quando o engenho se achava em ação, era lá que se bebia caldo de cana, comia-se a dourada espuma de açúcar, que formava-se quando o açúcar fervente era transferido do grande tacho para os cochos de repouso. O alambique não parava de destilar aguardente. E, ali, então apareciam certos tipos curiosos, que pediam uma prova da "branquinha" e a bebiam em canequinhas feitas de bambú. Uma prova seguia a outra, até que,

cambaleantes e "cercando frangos" deixavam o engenho. Havia os que depois de algumas provas, ficavam valentes e desafiavam todo mundo para uma briga. Umas chibatadas desferidas no lombo deles com uma cana murcha, fazia-os sair correndo. Outros havia, que cantavam, davam gargalhadas histéricas e contavam piadas, até que, saturado de tanto "divertimento", o alambiqueiro os fazia correr dali. Diga-se, porém, a bem da verdade e das boas tradições de vida e costumes, que estes casos não eram muito frequentes.

O resíduo do caldo de cana fermentado e destilado, depois de esfriado era misturado com farinha de mandioca e servia de ração para os porcos. Embora a parcela de álcool ainda contido nestes resíduos, chamados "vinhão" era muito diminuta, freqüentemente via-se porcos ficarem tontos, dar voltas ou rodopiarem como piões, depois deitarem e caírem em profundo sono.

Nós, os meninos, viamos tudo isto e tudo nos causava alegria. A melhor coisa, porém, eram os momentos quando o sol estava para desaparecer atrás dos morros e vovô sentava-se conosco num banco frente à casa de morada e, descascando cana para nós, que mastigávamos e as chupávamos prazerosamente, nos contava coisas dos tempos idos, dos homens que, vindos de longe, ali se estabeleceram. Falava das densas matas que cobriam a terra quando ali chegaram, dos animais ferozes que as habitavam, dos animais que lhes caçavam para suprir a casa com carne, das chusmas de papagaios e periquitos que voavam até perto do rancho e faziam tremenda algazarra, dos micos e dos bugios que vinham roubar espigas de mi-

ho na roça, das boas pescarias que faziam no ribeirão que agora atravessa a pastagem, das perigosas jararacas e cobras corais, que gostavam de atacar nas tardes quentes, quem perto delas passasse, das grandes inundações ocorridas, que faziam os animais do mato, das várzeas, procurarem salvar-se em lugares mais elevados ou ficar na copa de uma árvore tôda cercada de água... e muitas outras histórias semelhantes.

Tempos bons, tempos felizes, tempos que não voltam mais. Passou tudo, só ficou uma coisa que nunca passa: a saudade. Existem

hoje muitos homens, que riem daqueles que falam em saudades. Pobres criaturas estas, com espíritos ressequidos pelo materialismo e cujas vidas são áridas, porque nelas não mais brotam os frutos da poesia e do romantismo. Já não mais sabem êles o que é saudade, êste sentimento que muitas vêzes dói, mas que é tão bom, tão gostoso e que nos ajuda olvidar tantas coisas más que muitas vêzes procuram amargar nossa vida. Saudade, mesmo quando dói, é fruto saboroso de uma existência bem vivida que não teme olhar para trás, que revive fatos e revive o passado sempre de nôvo.

“DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES”

Ayres GEVAERD

Magias e Crenças Populares

De um livro de anotações que pertenceu à Sra. Maria Bruns Niebuhr, minha sogra, retirei aspectos de Crenças e Costumes populares observados na região do Itajaí Mirim, em zonas que foram colonizadas por famílias germânicas.

A maioria dessas Magias e Crenças, não há dúvida, nos chegaram da velha Alemanha, tendo algumas sofrido alterações no modo de serem aplicadas.

Com relação ao uso da grinalda de noiva, costume que os tempos modernos fizeram desaparecer, o viajante que percorrer a nossa zona rural e o município de Guabiruba, poderá verificar em muitas casas êsse símbolo de pureza, ocupando lugar destacado na sala de visitas, junto com a fotografia de casamento, da família e demais descendentes.

— x —

Curam-se glândulas ingüinais (ínguas) inflamadas, usando 3 pedrinhas de sal no bôlso da calça, lado contrário do mal.

— x —

Para uma pessoa que tenha levado um grande susto: pegar uma acha de lenha retirada do fogo e mergulhá-la em água, tomando-a vagarosamente, em seguida.

Câimbra em parturiente cura-se colocando-se uma tesoura aberta sob o travesseiro.

— x —

Ao visitar-se uma parturiente, deve-se sentar por alguns minutos na beira da cama; não o fazendo, traz intranqüilidade à nova mamãe.

— x —

Pessoa que vê uma estrêla cadente e no mesmo instante desejar algo de bom em sua vida, terá seu desejo satisfeito.

— x —

Cura-se azia colocando-se um galhinho de arruda em cima da orelha direita.

— x —

Atraí a morte a pessoa que dorme com os pés voltados para a rua.

— x —

Benzimento para estancar hemorragia: "Sangue fique parado assim como as águas do mar Vermelho - Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Repetir três vêzes.

— x —

Para curar dores de cabeça (Sonnenstich) deve-se aplicar na testa rodelinhas de batata inglêsa. Quando estiverem completamente sêcas terá passado o mal.

— x —

Canto triste de um galo repetidas vêzes, é prenúncio de morte de pessoa íntima ou da família.

— x —

Mulher com "incômodo mensal" não deve trabalhar na cozinha no preparo de carnes ou salsicharia, porque estas ficam deterioradas.

— x —

O uso da moeda de ouro no sapato da noiva no dia do casamento, trará felicidades ao casal.

— x —

Mulher grávida jamais deve passar por baixo de uma cêrca de arame; o cordão umbilical poderá enrolar-se no pescoço da criança, asfixiando-a.

— x —

Para se saber o vencedor de uma partida de futebol, cortam-se, dias antes, dois pés de bananas, novos, na mesma altura, identificando-os préviamente. O que brotar mais alto será o vencedor.

-- 55 --

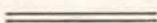
Existem muitos benzimentos e remédios caseiros para verrugas. O mais seguro é o seguinte benzimento: "O que eu vejo aumenta e o que eu pego desaparece", feito em noite de lua cheia. Repetir três vêzes, fazendo o sinal da Cruz: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

— x —

Grinaldas e Corôas

Em tempos idos a grinalda de noiva, formada com flôres de laranjeira ou mirta, símbolo da virgindade, usada no dia do casamento, era, dias depois guardada em uma caixa, artisticamente trabalhada e colocada em lugar de destaque na sala de visitas. (Costume observado nas regiões de colonos oriundos de Baden, Alemanha).

Nos cemitérios das Comunidades Católicas e Evangélicas de Brusque existem velhas sepulturas com pequenos nichos protegidos com vidros. Em seu interior encontram-se corôas prateadas e douradas das Bodas de prata e ouro.



ACHEGAS AO FOLCLORE DO VALE DO ITAJAÍ

As pessoas familiarizadas com a história blumenauense sabem que o grau de cultura característico dos colonos estabelecidos no território do Vale do Itajaí, se não coadunava bem com as superstições e credices muito comuns entre os brasileiros de todos os Estados, principalmente os do litoral sul.

Entretanto, mesmo entre os alemães que vieram para Santa Catarina, havia muita gente supersticiosa e apegada a práticas, as mais absurdas e fantásticas.

Os dois, que damos a seguir, são exemplos característicos e servem de excelente subsídio a um estudo mais profundo do folclore desta região.

O primeiro, "Carta do Céu" foi-nos mandado pelo nosso colaborador e prezado amigo, historiador Ayres Gevaerd de Brusque e o segundo pelo snr. Helmuth Poepper, desta cidade.

"Carta do Céu" (Himmels Brief)

(encontrada no acervo de uma velha alemã moradora em Brusque)

"Um Conde possuía um criado, do qual mandara cortar a cabeça. Mas quando o carrasco quis cumprir a ordem, não pôde. O Conde, ouvindo isso, interrogou o criado sôbre a razão pela qual a espada não conseguia feri-lo. Então o criado mostrou ao Conde uma carta com as seguintes letras: C. J. F. R. H. L. Depois de lê-la, o Conde ordenou a todos que trouxessem a carta sempre consigo. Quando o nariz estiver sangrando, ou quando tiverem algum ferimento de que o sangue não estanque, bastará pôr esta carta em cima da ferida e o sangue logo começará a parar.

— 56 —

“Quem não acreditar nisto, escreva estas letras em cima de uma espada, ao lado da espingarda e ponha esta em lugar onde ninguém chegue e, assim, não lhe acontecerá mal algum. Quem conservar esta carta consigo, não pode ser enfeitado e os maus inimigos não poderão causar-lhe mal algum. Estas são as cinco feridas sagradas de Cristo: H. H. F. G. H. Assim tu podes estar seguro de que não sofrerás nenhuma condenação.

“H. G. L. S. Quem tiver esta carta consigo não sofrerá ferida por raio ou trovão, fogo ou arma qualquer. Se uma mulher estiver para dar à luz, ponham-lhe esta carta na mão e ela logo parirá. Quem tiver esta carta consigo, estará melhor do que ter dinheiro em casa ou títulos de crédito.

“Em nome de Deus ††† tão certo como Cristo andou no jardim, assim todos os canhões e outras armas do inimigo se voltarão contra êste. Isso Deus afirmará. Êle estará protegido contra os ladrões, assassinos e salteadores, que em nada poderão prejudicá-lo. Não tenham medo de pistolas, pois estão protegidos contra tôdas as suas espingardas e outras armas.

“Quem não acredita ou não quizer acreditar nisto, escreva estas letras num papel e coloque-o no pescoço de um cachorro e, em seguida, atire nêle e verá que não lhe fará mal algum. Quem tiver esta carta consigo, nada sofrerá e isto é a verdade, como a Ascensão de Jesus Cristo. Não pode ser roubado e também não pode ser ferido. A carne e os intestinos vão ficar invulneráveis. Eu esconjuro tôdas as espingardas e armas em nome de Deus vivo e em nome de Deus ††† Eu peço em nome de Deus e pelas feridas sangrentas de Jesus Cristo que ninguém o possa ferir a bala, seja de ouro, de prata, ou de chumbo. Deus me livre de tudo.

“Em nome de Deus ††† esta carta foi achada no século 17 e estava escrita em letras de ouro. Ela estava flutuando no ar na gruta de Naegran. Quando alguém tentava pegar a carta, ela se afastava. Até que alguém, no ano de 1731 teve a idéia de copiá-la e transmiti-la a todo o mundo. Naquêl tempo estava escrito na carta: “Vocês não devem ser como os animais. Vocês devem trabalhar 6 dias e no sétimo dia devem honrar a palavra de Deus. Se não fizerem isso, vou castigá-los com fome, peste e guerra. Ordeno que vocês, jovens e velhos, ricos ou pobres, não trabalhem tanto no sábado de noite. Cada qual deve orar por causa dos seus pecados. Não jurem em nome de Deus. Não cobicem ouro nem prata. Não julguem seus vizinhos; afastem-se de gente ruim. Tão facilmente como eu criei o mundo, poderei destruí-lo. Não sejam testemunhas falsas e nem dêem testemunho falso contra o seu próximo. Quem não acreditar nisso e assim proceder será abandonado e não receberá ajuda alguma.

“Quem não revelar esta carta, será amaldiçoado diante da igreja cristã. Esta carta deverá ser revelada de um para outro e se vocês tiverem tantos pecados, como fôlhas há nas árvores, todos êles serão perdoados.

“Podem acreditar que aquêles que não tiverem fé morrerão. Convertam-se para não serem muito castigados. Se vocês não puderem me responder sôbre os seus pecados no derradeiro dia do juízo, eu os castigarei severamente.

“Quem conservar esta carta consigo, não será alcançado por raio; a mulher que tiver esta carta consigo dará à luz. Cumpram os meus man-

damentos que mandei por meu anjo. Em nome de Jesus ††† Amém”.

O segundo exemplo:

Um antigo colono acaba de contar-me o seguinte fato:

Certa vez, quando êle era rapaz de uns 8 ou 10 anos, deslocara um tornozelo. O pé ficara muito inchado e êle sofria dores atrozes, de tal sorte que só podia se locomover aos pulos e amparado numa vara de bambu, à guisa de bengala.

Alguns dias depois, chegou à casa dos pais do rapaz, uma tia que reside e ainda vive em Brusque. Vendo-o naquele estado, indagou o que havia acontecido. O rapaz contou-lhe como se dera o acidente de que lhe resultara o deslocamento do tornozelo.

Depois dos cumprimentos, beijos e abraços trocadas entre a visitante e os da casa, a tia tomou o rapaz de lado e lhe disse:

- Olha! Vai ali, até a beira da estrada. E, assim que tiver passado uma carroça, senta-te na estrada e põe a perna esticada ao longo do trilho que a carroça deixou, na direção que ela seguiu e ao mesmo tempo, reza esta oração.

E entregou ao rapaz um papel em que estava escrito o seguinte, em alemão:

“Ich lege mein Fuss
In diesen Wagengeleis
Wie vor den Hund sein Angesicht.
Die Juden haben unseren Heiland erhängt
Und ich habe mein Fuss veränkt.
In Namen des Vaters, des Sohnes und des Heiligen Geistes”.

(“Eu ponho o meu pé,
Neste trilho de carroça
Como o tinoso diante da figura.
Os judeus crucificaram o nosso salvador
E eu desloquei o meu pé.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”).

“Pois”, rematou a pessoa que me contou o caso, “tão certo como eu estar aqui, eu fiz o que a tia me recomendara. Quase em seguida passou uma carroça. Eu, aos saltos, amparado na vara de bambú, fui até a estrada e pus o tornozelo sôbre o trilho que a carroça havia deixado e rezei três vêzes a oração que a tia havia-me entregue. Pois olhe: eu tinha ido até a estrada amparado na vara de bambú. Voltei pelos meus próprios pés, sem sentir mais nada.

O AFUNDAMENTO DO "MACAU"

Bruno HILDEBRAND

Não sei se o que vou relatar pode interessar os leitores de "Blumenau em Cadernos".

Na edição desta revista, do mês de fevereiro, faz-se ligeira menção ao torpedeamento do vapor "Macau", causa da declaração de guerra do Brasil à Alemanha.

Julguei de meu dever dar algumas informações detalhadas sobre o referida torpedeamento. Esse relato é a transmissão fiel do que ouvi da própria boca de meu irmão Rodolfo Eugênio Hildebrand, imediato do "Macau".

Navegava esse navio com um carregamento de carne rumo a Inglaterra. A tripulação não ignorava o risco que estava correndo.

Durante toda a viagem a oficialidade e os marinheiros costumavam observar do tombadilho os delfins que acompanhavam o barco e, como que brincando com a tripulação, investiam contra o casco e ao chegarem bem próximos a este, mergulhavam.

À certa altura - e isto já ao entardecer - viram um "delfim" um pouco maior do que os que costumavam aparecer e que também desenvolvia velocidade muito maior. A tripulação chegou mesmo a desconfiar que "aquilo" fôsse um "delfim" de raça. E era mesmo um torpedo alemão que acertou o "Macau" bem na linha d'água. Todos da tripulação foram jogados de pernas para o ar. O navio logo começou a adernar.

Veio ordem para arriar os escaleres, o que foi feito em ordem e com precisão, descendo a tripulação já embarcada nos ditos escaleres.

Ao chegarem à água, o Imediato e o Comandante passaram em revista a tripulação, tendo constatado a falta do carvoeiro. Rodolfo Eugênio, que era um verdadeiro marinheiro em toda a extensão do termo não teve dúvidas: tornou a subir a bordo pela escada do tombadilho que havia sido baixada para facilitar as manobras e foi encontrar o pobre maquinista imprensado sob uma pilha de carvão, que havia desmoronado com a explosão.

Esse fato foi-me também relatado, muitos anos depois, pelo próprio carvoeiro que, em sinal de gratidão, visitava-nos constantemente em Florianópolis, onde então nós residíamos.

O "Macau", adernava cada vez mais e os quatro escaleres flutuavam nas proximidades; a tripulação chorava a triste sorte do velho barco.

Eis que o submarino alemão veio à tona e a tripulação do mesmo passou a sinalizar para que os barcos salva-vidas dêle se aproximassem. Como na guerra ordem dada é ordem cumprida, os escaleres se aproximaram, sem entretanto atracar no costado do submarino. O Comandante dêste, cuja idade não ultrapassava dos 25 anos, apareceu no tombadilho e, em fluente castelhana, perguntou quem era o comandante do "Macau". Este levantou-se do

banco do escaler em que ia e, batendo no peito, disse ser êle.

Foi-lhe, então, dada ordem para que subisse para o submarino. O taifeiro de bordo, ou melhor, o criado do Comandante, rapaz muito jovem, achou de seu dever acompanhar o seu superior. Viram-no no convés, onde êle ainda vacilou e tentou voltar para o escaler, no que, entretanto foi impedido.

Nesse momento os escaleres receberam ordem para se afastar do "Macau" porque o submarino iria afundá-lo com a artilharia pesada e foi o que aconteceu.

A tripulação do "Macau", com lágrimas nos olhos, assistiu o canho-neio e conseqüente afundamento do velho casco.

Muito mais tarde, scube-se que o tal submarino nunca chegou ac seu destino; provâvelmente foi atundado pelo inimigo e, com êle, se foi a vida do Comandante do "Macau" e do seu jovem criado. Passados mais de 10 anos do acontecido, a família do Comandante, de cujo nome não me re-cordo e que morava no Rio de Janeiro, continuava sem notícias do seu chefe.

A tripulação do "Macau" remou ainda quatro noites e três dias até que um navio espanhol recolheu os naufragos os quais, em seguida ao salvamento, foram amarrados de pés e mãos para evitar que, famintos como se encontravam, se atirassem à alimentação exagerada, o que seria a morte certa de todos.

A tripulação permaneceu sob custódia espanhola durante 3 meses, depois do que foram recambiados para o Brasil. Como naquela época não havia meios muito rápidos de comunicação, a tripulação do "Macau" foi considerada morta e nós usamos, durante êsses três meses, luto pelo nosso irmão que julgávamos morto também.

A chegada de meu irmão a Florianópolis foi um verdadeiro car-naval. Nossa casa foi invadida pela população aos gritos de Viva o Brasil! abaixo a Alemanhal! Viva o herói brasileiro!. Não tivesse sido a chegada do saudoso Dr. Nereu Ramos, acompanhado da Banda de Música da Polícia Militar, nem sei como iria terminar tôda aquela balbúrdia

Foi aí que vi como meu irmão era bem diferente de mim. Durante tôda aquela manifestação conservou se calado, a um canto da sala e, no dia seguinte, recusou-se prestar declarações aos jornalistas que, entretanto, foram fidalgamente recebidos por meu pai.

Em Tijucas, a 25 de outubro de 1906, faleceu o prestimoso cidadão Estevão Cunha, político, Coletor das Rendas Estaduais e muito estimado pelos seus dotes de inteligência e de excelente educação. Havia de notável na vida do sr. Estevão é que êle era alemão de nascimento. Chamava-se realmente Stefan Kuhn, mas de tal forma se afeiçoara ao Brasil, aos seus usos e cos-tumes que resolveu abrasillear o seu nome. E passou a chamar-se Estevão Cunha. Como êsse há muitos exemplos por aí afora.

ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

**CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS
E
CIRÚRGICOS**

BLUMENAU - RUA IGUAÇU, 291/362 - SANTA CATARINA

CAIXA POSTAL, 953 - FONE, 1332

GAZES E ATADURAS MEDICINAIS

ATADURAS GESSADAS

ALGODAO HIDROFILO

FRALDAS PARA BEBÊS

FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS

ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE